

A MAIS SENSACIONAL TRAVESSIA DO ATLÂNTICO SUL

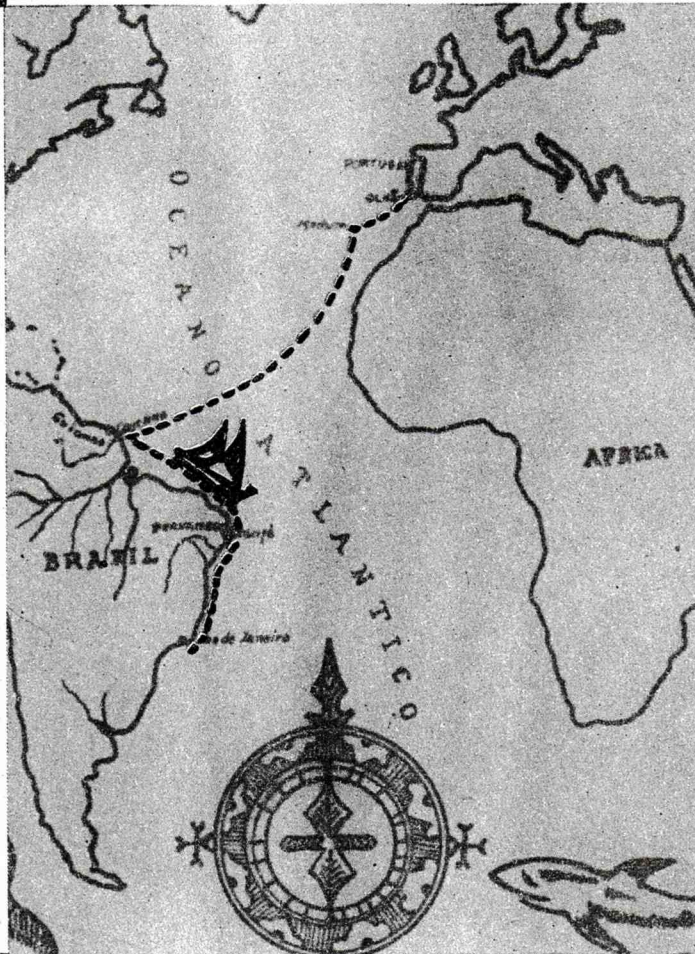
PESCADORES E CONTRA-BANDISTAS DE D. JOÃO VI

A VIAGEM DO CAIQUE "BOM SUCESSO" AO RIO DE JANEIRO, EM 1808. D. PEDRO I, AS LUTAS LIBERAIS E OS PESCADORES DA VILA DO OLHÃO DA RESTAURAÇÃO

OS tempos mudam e os

Impérios desaparecem tragados por circunstâncias várias, geralmente imprevisíveis. Não deixa de ser estranho pensar-se hoje na prepotência dos romanos, no domínio comercial e marítimo dos portugueses de antanho ou no império espanhol que avassalou o mundo, tendo a Europa a seus pés e as Américas subjugadas pela força. Esse domínio, econômico ou militar, e a ameaça que ele representava para os restantes povos do mundo, são fatos que há muito pertencem ao passado, arquivados que foram nas páginas brilhantes e heróicas ou tristemente célebres da história universal.

O desmoronamento dum império, quase sempre, e salvo raríssimas exceções, soergue sobre as suas ruínas um novo império, quando não militar pelo



Mapa indicando a rota seguida pelo caique "Bom Sucesso" na sua arrojada viagem de Olhão (Algarve) até o Rio de Janeiro.

menos econômico, não menos tirânico e nefasto que o primeiro. Foi assim desde os começos do mundo e continuará assim através dos tempos, futuro afora, na profecia árabe dos camelheiros do deserto.

No alvorecer do século XIX, a França ainda continuava dominada por Napoleão, que havia construído sobre a Europa o maior império dos tempos contemporâneos. O poderio econômico e militar dos franceses e uma cadeia de acontecimentos fora do comum, hábilmente aproveitados pelo Corso, haviam possibilitado o domínio da península ibérica e forçado a família

real portuguesa a fugir para o Brasil, colocando a salvo a cobiçada coroa de Portugal.

No sul de Portugal, no antigo Reino dos Algarves, o ano de 1808 foi encontrar Olhão, pequeno burgo de pescadores, mercadejadores e contrabandistas, dominado e

Supremo Conselho de Regência, que logo depois resolveu enviar à Côrte do Rio de Janeiro um Correio Marítimo, para comunicar ao príncipe regente D. João a feliz notícia da expulsão dos franceses do sul de Portugal.

O CAÍQUE "BOM SUCESSO"

O Supremo Conselho de Regência do Reino dos Algarves escolheu para integram o correio marítimo a enviar à Côrte do Rio de Janeiro, como arautos da boa nova da expulsão dos franceses, os olhanenses que primeiro souberam erguer o grito de revolta contra o invasor estrangeiro. A embarcação escolhida para a temerosa viagem ao Brasil foi o pequeno caíque "Bom Sucesso", do capitão olhanense Miguel do Ó, membro do Supremo Conselho de Regência.

O caíque "Bom Sucesso" era uma pequena embarcação de uns 15 metros cúbicos de arqueação, proa levantada e pôpa baixa e rasa, aparelhado com dois bastardos triangulares (velas triangulares latinas), o de vante içado em um mástro comprido que pendia para a proa e o de ré em um mástro mais curto caído um pouco para a pôpa. A coberta era corrida de vante a ré, com três escotilhas, sendo duas para serventia da tripulação.

Foi nesta pequena embarcação, também conhecida por navego, pela perícia e destreza que desde sempre demonstraram os olhanenses no seu manejo, e por não possuírem outra de maior calado, construída para viagens no Mediterrâneo ou sortidas ao norte da África e usada para contrabandear, comerciar e pescar cavalas e sarrajões nos mares de Larache, que os olhanenses resolveram empreender a travessia do Atlântico, em temerosa viagem ao Brasil.

Quantos foram, ao todo, os tripulantes do caíque "Bom Sucesso", é quase uma incógnita, embora o n. 38 de "O Telégrafo Português", de 1809, num laconismo próprio da época, tenha informado que era 117, embora sem citar os respectivos nomes. Número elevado e, diremos mesmo, desnecessário, para tão pequena embarcação, obrigando ainda à sobrecarga de maiores suprimentos de água e mantimentos. Apesar



D. Maria II, rainha de Portugal

escravizado pelas hostes francesas, comandadas pelo sórdido general Marin, que, aliás, não divergia muito em despotismo, mesquinhez e desonestidade dos restantes salteadores enviados por Napoleão para saquearem Portugal. Mas os habitantes do velho burgo algarvio, ardendo em desejos de revolta e não podendo por mais tempo suportar o despotismo e rapinagem das tropas bonapartistas, exasperam-se e terminam pegando em armas, expulsam os franceses e estendem a revolta a todo o Reino, escrevendo com sangue páginas imorredouras de coragem e patriotismo.

Livres os Algarves do domínio francês, trataram os revoltosos de elegerem um

